

Reportagem Ambiente / Queima do Fascismo: no Ateneu de Coimbra celebra-se “aquilo que se vive há 49 anos”

Às 22h da noite de 24 de abril de 1974 era instalado o posto de comando do Movimento das Forças Armadas, no Regimento de Engenharia 1, na Pontinha. Pelas 22h55, a primeira senha para a preparação dos militares é lançada pela voz do locutor João Paulo Diniz, na antena dos Emissores Associados de Lisboa. Está tudo a postos para se dar início à operação militar contra o regime. O relógio já passa das 22h quando, 49 anos depois, e já para lá da hora prevista para o início das festividades, o Ateneu de Coimbra se vai enchendo de gente. Na Sala Mário Temido, está tudo a postos para se comemorar a revolução de Abril. Desta vez, a primeira senha é a declamação de poemas.

É de uma das janelas do segundo andar que se vê a sala onde está montado o espaço para as apresentações. A largura das escadas não é suficiente para a quantidade de pessoas que, aos poucos, se preparam para subir, e o processo torna-se, por isso, mais demorado. Muitas delas estão aqui pela primeira vez, depois de responderem ao convite de amigos e familiares, porque “quanto mais gente, melhor é a festa”. Outras, vivem o momento de hoje da mesma forma como o sentiram há 49 anos. “Continuar a lutar é a melhor homenagem”, lê-se num dos cartazes afixados. Os que já sabem ao que vêm vão deixando os pertences amontoados nas cadeiras para se poderem mexer livremente. “Isto para mim é como o Natal!”, ouve-se, entre as conversas de boas-vindas.

Lá dentro, o pequeno salão rápido se enche enquanto, no palco, a Escola da Noite e a Cooperativa Bonifrates alinham os últimos preparativos. Os microfones não querem cooperar e os testes de som fazem-por cima do barulho da multidão, ainda a ambientar-se. As mesas dispostas não chegam para acomodar todos. Há quem se sente no chão, ou nos parapeitos das janelas de madeira, outros aglomeram-se ao fundo. Nas divisões laterais vendem-se bebidas frescas, numa tentativa de atenuar o calor que se faz sentir do outro lado. O vermelho predomina nas vestimentas escolhidas para a ocasião e o cravo é o personagem principal: está presente nas camisolas e brincos, pendurado nas malas e nas paredes. Nos microfones e instrumentos presentes no palco também foram plantadas as flores da liberdade.

Solucionados os problemas técnicos, é ao som de trechos de poemas como “A Nêspira” e “Vilancete do Horário de Trabalho”, de Mário Henrique Leiria, assim como

versos da obra de Mário Cesarini, que se dá início às atuações previstas. Coletividade de Cultura e Recreio, como designado, o Ateneu – conhecido como um dos pilares coimbrãs na luta contra o fascismo - foi fundado a 1 de dezembro de 1940 por um conjunto de operários, industriais e comerciantes que residiam na Sé Velha, aos quais se foram juntando jovens estudantes. Numa primeira instância, a Coletividade dedicava-se à distribuição de bens de primeira necessidade pelos moradores com menos posses, tendo depois alargado as suas vertentes para as áreas do teatro, da literatura e da música popular, onde se tentava fugir à censura. A conjuntura da Segunda Guerra Mundial e as dificuldades que advinham do governo ditatorial português limitavam a atuação do grupo. Antes do 25 de Abril eram sucessivas as dificuldades criadas pelas autoridades, tendo existido detenções contra os que se insurgiam contra o regime, como relembram antigos membros, tendo-se registado uma intensificação da vaga das prisões políticas dez anos depois do nascimento do grupo, em 1950.

Movido pelos valores base da democracia e do compromisso social, o Ateneu junta-se, há mais de uma década, a outras estruturas associativas, sindicatos, órgãos do poder local, assim como aos organismos da Associação Académica de Coimbra (AAC) e as respetivas secções que a integram, para a organização de vários eventos no âmbito das celebrações do 25 de Abril. Na lista destas estruturas associadas está o GEFAC - Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra. O Organismo Autónomo da AAC está em atividade desde 1966 e debruça-se sobre o tratamento e divulgação do património imaterial português, através de espetáculos originais, tendo andado lado a lado com o Ateneu na resistência ao regime, sendo, por isso, presença habitual na madrugada que antecede o assinalar da queda do regime.

Os poemas dão lugar aos cavaquinhos, que são agora os donos do palco. É durante a atuação do grupo Cantares à Solta e ao som de “Minha Amora Negra” que, por entre os encontrões, encontramos Francisco Paz, antigo membro do GEFAC e assíduo participante. “Vir aqui é viver aquilo que estou a viver há 49 anos”, afirma. Entrou para a universidade em plena Crise Académica - um dos principais momentos de contestação ao Estado Novo em 1969 – e fez parte de uma casa de estudantes, na Rua da Saragoça, onde “todos eram contra o regime” e na qual viviam alguns que fugiram do país para conseguirem fugir à guerra que se travava no Ultramar. Era no atual edifício do Ateneu que se reunia com os que partilhavam um mesmo objetivo: a queda do governo. Por ser bom aluno e com um acumular de adiamentos, conseguiu “safar-se à

guerra por 5 anos seguidos”, até se dar a Revolução. Descreve ter “vivido tudo muito intensamente”, de maneira que “faltar a isto seria imperdoável”.

Na madrugada do dia 24 foi quem acordou a casa toda “porque a rádio só dava marchas, algo estranho se passava”, conta. “Levantámo-nos todos e ficámos a ouvir ali especados, até que começaram os comunicados das forças armadas”, relembra. Nessa manhã, algumas horas depois, acompanhou a população que, na ponte de Santa Clara, se preparava para formar uma barreira à coluna do exército do Porto que se suspeitava não ter aderido. “Não apareceu coluna nenhuma, o que apareceu foram muitos carros de membros da PIDE que estavam a fugir com medo de serem apanhados”, diz. Quase 50 anos depois, Francisco Paz acredita ser importante lembrar-se os valores evocados aquando da Revolução, não esquecendo também os novos que surgem e “que são tão importantes como os defendidos no passado”.

Já a integrar a equipa “há demasiados anos”, Carolina Rocha é um dos membros atuais do GEFAC e integrante da atuação que o grupo tem planeada para apresentar em palco. “Temos muito carinho pelas comemorações do 25 de abril, até pela história do Grupo, e estou muito contente que também consigamos manter esta amizade com estruturas da cidade”, refere. Para a noite de hoje foram selecionadas um conjunto de músicas adaptadas que já fazem parte do reportório utilizado nos espetáculos do grupo, composto por músicas tradicionais de todo o país. Depois dos últimos anos em que as apresentações foram mais restritas, devido à pandemia, as festividades retomam agora o rumo normal, “com a força de sempre”. Entendendo que “a cultura é também uma forma de luta”, Carolina Rocha considera ser “importante continuarem a traçar-se e a abrir caminhos para que as pessoas se possam expressar e batalhar por aquilo em que acreditam”. Para além da grande adesão, a assistência destaca a presença de um grande número de jovens, “que têm vindo a ser cada vez mais, ao longo dos anos” e que marcam o evento como “um momento de convergência de várias faixas etárias”, como assinala uma das espetadoras, Clara Neto.

Beatriz Rosa, integrante do Ateneu e sócia desde o ano da revolução, pede que se saia “ordeiramente até à Sé Velha, onde se vai queimar o fascismo”. A retirada é mais rápida do que se fazia adivinhar. Uns amontoam-se na subida da rua da porta principal, outros param nas ruas paralelas, onde já aguardavam dezenas de moradores. Na luta pela tentativa de arranjar a melhor vista para o átrio da Sé, são as pessoas com acesso às

varandas das casas envolventes que levam a melhor. O pequeno boneco que servirá de figura metafórica para a queima já se encontra no largo principal. À medida que a meia-noite se aproxima, cresce o rebuliço da multidão. “Não me importo de não ver as canas, nem nada, quero é cheirá-lo a arder”, ouve-se gritar de umas das ruas. Os ponteiros marcam as 0:00 horas quando a voz de Zeca Afonso ressoa no largo, pelas colunas previamente colocadas nas varandas do Ateneu. As vozes da multidão rapidamente o acompanham, e é ao som de “Grândola, Vila Morena” que se queima a figura alusiva ao regime ditatorial.

Terminados os cânticos de ordem, regressa-se ao interior do edifício para se dar continuidade às atuações. O ambiente é de euforia, “com muito mais pessoas do que nos anos anteriores”, como revela uma das espetadoras, Disa Palma. “De onde eu venho o 25 de abril não é assim tão comemorado, fazem-se mais cerimónias oficiais que não envolvem tanto a comunidade e, por isso, ver tanta gente faz com que exista um maior espírito de grupo e esta energia redobrada”, refere. A programação é retomada e é a vez de Miguel Araújo trazer a palco a música de intervenção, o entusiasmo cresce na plateia e o chão da sala não para de abanar, o que ainda dá mais ânimo a quem não tira os dedos da guitarra. Já se preparam os bombos, adufes e gaitas de foles para a atuação seguinte, mas antes ainda há tempo para se cantar a “Liberdade”, de Sérgio Godinho. De seguida, pede-se ao Diogo, o homem das questões técnicas, que se aumente o som: vem aí a Senhora do Almortão, interpretada por um conjunto de vozes femininas.

Em mais uma das muitas noites de Abril no Ateneu, falta pouco para o relógio da parede marcar as 2:20h da manhã. A banca de som ainda continua em grande azáfama, mas as mesas vão sendo desocupadas, as toalhas já estão semidobradas e as cadeiras desalinhas guardam os pertences dos últimos resistentes. As latas e os copos vazios deixados pela sala são o que resta de um serão que já vai longo. Os caules dos cravos que eram segurados no início das festividades estão agora espalhados pelo chão, as flores passaram para trás das orelhas, ou estão presas nos cabelos. Uma peneira de milho serve de instrumento para se compor a última música em palco. “Fazem isto desde sempre”, contavam-nos no início da noite, e a festa dura até à próxima alvorada.